

UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: O EXERCÍCIO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

(2006)

Salvador Loureiro Rebelo Junior

Graduando do 6º ano de Psicologia da Universidade Estadual Paulista – Bauru, Intercambista da Universidade do Minho – Portugal, Secretário do Projeto Revivendo (Universidade Aberta à 3ª Idade) da Universidade de São Paulo – Bauru e Estagiário do Grupo de Vivência do Projeto Revivendo

Contactos:

slrj@usp.br

RESUMO

O presente artigo se pauta no crescente aumento da população idosa no Brasil e consequentemente, na busca pelo envelhecer com qualidade. Dessa forma, supera a concepção do envelhecimento como etapas de perdas, doenças e finitudes, compreendendo-o como uma etapa sujeita a limites e possibilidades. Em consonância a esse novo paradigma, surgem as Universidades Abertas, como um espaço de participação social e um lócus em busca da ressignificação da vida.

Palavras-chave: Envelhecimento, responsabilidade social, Universidade Aberta, educação continuada, participação social

O Brasil está ficando de cabelos brancos, é o que constata os censos demográficos, no que se refere ao envelhecimento da população.

A longevidade é uma árdua conquista, porém, a maioria das pessoas parece não estar preparada para aceitá-la – quer viver muito, mas sem envelhecer e morrer. A dificuldade está em saber lidar com algumas perdas próprias do desenvolvimento humano.

O envelhecimento é um processo biológico e, portanto, natural. Porém envelhecer para muitas pessoas é apenas sinônimos de perdas, doenças e finitude.

Há uma perversidade em desprezarmos o que é velho e valorizarmos apenas o novo, que parece inerente às sociedades modernas, destaca Almeida (1998). O passado não vale nada, e

menos ainda valem aqueles que o representam. Desde cedo aprendemos a associar tempo com deterioração.

A palavra “velho” traz consigo um conjunto imenso de conotações pejorativas. Numa sociedade que idolatra a juventude, a beleza e a força física; ser velho significa estar envolvido em um universo de rejeição, preconceito e exclusão.

Os idosos nem sempre têm encontrado condições para uma vida integrada e participativa, em função de um meio social hostil à sua presença.

Simone de Beauvoir (1990), em seu ensaio sobre a velhice, admite que os velhos, na sociedade capitalista, são considerados inúteis porque improdutivos e, portanto, desprovidos de funções sociais.

Como Beauvoir, Ecléa Bosi (2004, p.77) denuncia o isolamento social como característica evidente do idoso. Em suas palavras “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor”.

Não se descarta o fato de a velhice representar, via de regra, um aumento de dificuldades, mas como integrar dignamente este binômio novo-velho?

Hoje se observa, entretanto, uma necessidade de implantação de políticas de atendimento ao idoso, tendo por escopo evitar o isolamento social.

A nova concepção da velhice como etapa particular do ciclo de vida, sujeita a limites e possibilidades, exige políticas sociais específicas, com o objetivo de integrar o idoso no seu meio e de sensibilizar segmentos da sociedade, em especial as Universidades, para o cumprimento de suas responsabilidades.

A discussão e a reflexão sobre essas questões são fundamentais, possibilitando inúmeras quebras de paradigmas, principalmente no modo de perceber o idoso e o próprio processo de envelhecimento.

Os programas desenvolvidos pelas Universidades aos idosos aparecem como uma medida eficaz, na medida que criam oportunidades de retorno ao convívio e de participação em suas comunidades.

O interesse dos programas está na possibilidade de compartilhar a experiência de recodificação do envelhecimento, observa Debert (2004), e de questionar o próprio conceito de velhice resignada.

No Brasil é recente a preocupação das Universidades em construir projetos educacionais que incluam os idosos. A França e os Estados Unidos foram pioneiros na criação de projetos educacionais para idosos, coincidindo com a intensificação do seu processo de envelhecimento populacional.

A idéia floresceu pela primeira vez no Serviço Social do Comércio - SESC, onde surgiu, nos anos 70, a primeira Escola Aberta da Terceira Idade, com a finalidade de oferecer aos idosos informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de aposentadoria e atualização cultural.

O surgimento das Escolas Abertas partiram de duas premissas fundamentais, destaca Ferrigno (2003): a de que a atualização de informação facilita a integração social dos idosos à sociedade e a de que o ser humano, mesmo em idade avançada, não é só capaz de aprender como também pode estar suficientemente motivado para tal.

A veracidade dessas premissas é corroborada pela idéia do homem como um “ser inacabado” sustentada por Georges Lapassade. O autor acredita que o ser humano jamais estará pronto, mas sim em um constante processo de construção, de aprendizagem. O inacabamento da formação implica uma educação permanente.

Atualmente várias instituições universitárias brasileiras abraçam programas envolvendo a população idosa, realizando trabalhos que vai além da veiculação de conhecimentos.

De acordo com Oliveira (1996, p.6) “a Universidade não só assume sua vocação enquanto instituição produtora e difusora do saber como abre horizontes para acolher e assimilar traços de uma cultura que não está em livros ou tão pouco documentos, dado que sua construção remete à experiência vivida”.

Uma das experiências que vêm sendo desenvolvida, através das propostas da Universidade da Terceira Idade, refere-se à educação continuada.

Esse aprendizado contínuo deve constituir-se num ato de inclusão, visto que o indivíduo pode atingir a idade madura com expectativas não realizadas e condições reduzidas de participação social.

Segundo Ferrigno (2003) a Escola Aberta busca como objetivos principais a integração social, a atualização de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e reflexão sobre a velhice e o processo de envelhecimento, que convergem para o acesso a uma melhor qualidade de vida e ao desenvolvimento dos direitos e deveres da cidadania.

O homem que adquire o saber torna-se um agente transformador de sua realidade. Além disso, “é através da educação que aumentam as possibilidades individuais e da comunidade de atingir níveis mais amplos de consciência crítica para o exercício da plena cidadania”, destaca Liberato (1996, p.13).

Segundo Salgado (1982, p.115), “o programa de Escola Aberta se constitui numa proposta de educação permanente adequada à terceira idade, contribuindo efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e abrindo possibilidades para a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir até mesmo

para a solução de alguns problemas, no seu grupo familiar e nas comunidades das quais fazem parte”.

As Universidades Abertas exemplificam o exercício de uma importante missão das Universidades, que é a prestação de serviços à comunidade à qual está integrada, observa Neri (1997, apud Neri & Debert, 1999).

De acordo com Neto (1998) a criação da Universidade Aberta, dentro de uma sociedade que perversamente marginaliza as pessoas que vão envelhecendo, representa a oportunidade dos idosos se reencontrarem, redescobrirem o seu potencial e se perceberem como seres ativos e participantes, mostrando assim, à sociedade, sua capacidade de lutar pela conquista de seu legítimo espaço social.

Ainda segundo o autor, a Universidade Aberta é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga como etapa de perdas e falta de perspectivas e os idosos que engajam nesse processo realizam potencialidades e melhoram a imagem social da velhice.

A presença dos idosos na Universidade é importante porque fazem-se visíveis perante o poder público, adquirindo, portanto, força política.

Em síntese, o que está presente nesses programas para idosos é a oportunidade de ampliar o conhecimento da questão social da velhice, é o sentido de valorização da experiência de vida, favorecendo a convivência social, a formação de redes de apoio, a participação social e a construção da cidadania.

Sem dúvida, ainda são necessárias muitas reflexões para a reformulação da maneira de encarar o processo de envelhecimento na sociedade. Na opinião de Oliveira (2002, p.38) “precisamos urgentemente compreender que se tornar velho não significa ser senil, enfermo e assexuado. A aproximação da velhice não reduz drasticamente qualquer faculdade do individuo a ponto de impedi-lo de continuar ativo e útil ao grupo social a que pertence”.

As Universidades Abertas favorecem essas reflexões, representando a conquista de um importante espaço de participação social, que possibilita aos idosos, melhorarem a auto-imagem, resgatarem a auto-estima e obterem um relacionamento familiar a um nível mais elevado.

No plano coletivo, representa um lócus, onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser vividos coletivamente, além de favorecer o fortalecimento de vínculos, o aprendizado mútuo, a conquista de novas amizades e a formação de redes de apoio.

Desta forma, se faz imprescindível o exercício da responsabilidade social, em especial nas Universidades, que têm estrutura tanto humana quanto física para conferir o merecido respeito aos idosos, reconhecendo-os como cidadãos conscientes de suas responsabilidades e direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, V. L. V. **Imagens da velhice: o olhar antropológico.** Revista A Terceira Idade – São Paulo: SESC, n.15, 1998.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade.** São Paulo: Cia das Letras, 1994.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice.** São Paulo: EDUSP, 2004.

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

LIBERATO, E. M. **Educação continuada e Faculdade da Terceira Idade.** Revista A Terceira Idade – São Paulo: SESC, n.12, 1996.

NERI, A. L. & DEBERT, G. G. **Velhice e sociedade.** Campinas/SP: Editora Papyrus, 1999.

NETO, A. J. **A Universidade Aberta para a Terceira Idade da PUC-SP.** Revista A Terceira Idade – São Paulo: SESC, n. 14, 1998.

OLIVEIRA, P. S. **Universidade Aberta e Co-Educação de Gerações.** Revista A Terceira Idade – São Paulo: SESC, n.12, 1996.

OLIVEIRA, R. C. S. **Velhice: Teorias, conceitos e preconceitos.** Revista A Terceira Idade – São Paulo: SESC, n.25, v.13, 2002.

SALGADO, M. A. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo: SESC-CETI, 1982.